

**Bisavó proprietária
de escravas, avó
casada com mulato:
Notas sobre a
“Andança” de
Iracema Sampaio**

*Marinéia Sousa da Silva**

Resumo

O livro *Andanças* de Iracema Sampaio é um relato da trajetória de vida da autora que privilegia as personagens femininas. Inicia narrando suas ancestrais ricas e revolucionárias que receberam escravas em dote, ex-escravas parteiras e culmina no casamento de uma moça branca com um rapaz negro. O objetivo deste artigo é analisar como personagens classificadas como ‘escravas e negros’ são construídos no livro. Para tal, promovo um diálogo deste com documentos eclesiásticos e cartoriais da Vila de Nossa Senhora da Conceição do Riachão do Jacuípe oitocentista, notícias de jornais, matérias televisivas contemporâneas e narrativas orais.

Palavras-chave: personagens escravas, Iracema Sampaio, Riachão do Jacuípe-BA.



* Graduada em História. Mestre em História Social pela Universidade Federal da Bahia e Doutora em Estudos Étnicos e Africanos CEAQ/Universidade Federal da Bahia (2013). Professora Adjunta de Teoria da História da Universidade Estadual da Bahia (UNEB/Campus XIV).

Great-grandmother who
owned slaves, grandmother
married to a mulatto: notes
on the “Wanderings” of
Iracema Sampaio

Bisabuela dueña de
esclavos, abuela casada
con mulato: notas sobre
las “Andanzas” de Iracema
Sampaio

Abstract

The book “Andanças” of the Iracema Sampaio is an account of the life trajectory of the author who privileges female characters. It begins by narrating their rich and revolutionary ancestors who received slaves in enthete, former midwives slaves and culminates in the marriage of a white girl to a black boy. The aim of this article is to analyze how enslaved and black characters are built in the book. To this end, I promote a dialogue of this with ecclesiastical and cardinal documents of the Village of Nossa Senhora da Conceição do Riachão do Jacuípe 18th century, newspaper news, contemporary and oral television articles.

Keywords: enslaved, black, Iracema Sampaio, Riachão do Jacuípe-BA.

Resumen

El libro Andanças, de Iracema Sampaio, es un relato de la vida de la autora que privilegia los personajes femeninos. Comienza narrando a sus antepasados, ricos y revolucionarios, que recibieron esclavos como dote, a antiguas comadronas esclavas y culmina con el matrimonio de una chica blanca con un chico negro. El objetivo de este artículo es analizar cómo se construyen en el libro los personajes clasificados como “esclavos y negros”. Para ello, promuevo un diálogo entre el libro y documentos eclesiásticos y notariales de la ciudad de Nossa Senhora da Conceição do Riachão do Jacuípe en el siglo XIX, reportajes periodísticos, reportajes televisivos contemporáneos y narraciones orales.

Palabras clave: personajes esclavos, Iracema Sampaio, Riachão do Jacuípe-BA.



Introdução

Ocorre-me à memória, uma quinta-feira d’outroora, às vésperas da exibição de mais uma edição do *Globo Repórter*, salvo engano em abril de 2009, que se alastrou pelas ruas do Riachão do Jacuípe¹ o burburinho: “Iracema, filha de seu Bino e D. Verônica vai aparecer na televisão, no Globo Repórter”. A notícia causava empolgação e muitos se mobilizaram para assistir, no programa televisivo de rede nacional, a performance da conterrânea ilustre. (Penso que, em ocasiões como essa, sente-se orgulho de ser jacuipense). Essa produção audiovisual, fora cognominada de “a culinária baiana que há 29 anos residia em Campo Grande”².

Iracema Sampaio é construída nos noticiários que anunciam seu falecimento, em 06 de agosto de 2011, como jornalista, empresária, editora de revistas, pesquisadora da culinária do Mato Grosso do Sul e autora de diversos livros sobre essa temática. Além dessas denominações, também fora lembrada por ser esposa do ambientalista Francisco Anselmo Gomes de Barros (a quem Iracema chama carinhosamente de Francelmo), famoso na luta pela defesa da biodiversidade no Pantanal matogrossense³. Tais notícias circularam em jornais via web de abrangência nacional, como G1; de alcance regional no Mato Grosso e, também, em Riachão do Jacuípe no periódico on-line - Interior da Bahia. Neste último, destacou-se que a conterrânea ilustre deixou a Bahia em 1976, depois de morar vários anos em Salvador, quando partiu para o Mato Grosso do Sul. E que, mesmo distante, incentivou e divulgou a cultura de sua terra natal e as atividades do Projeto Cultural que aconteciam na cidade na década de 1990⁴.

1 Riachão do Jacuípe é um município do interior baiano, localizado a 180 Km de Salvador na região nordeste do estado, possui 33 mil habitantes.

2 Disponível em <http://g1.globo.com/globoreporter/0,,MUL1083315-16619,00-PIZZAIOCA.html>, acessado em 18.05.2020.

3 O ambientalista Francisco Anselmo Gomes de Barros, falecido em 13 de novembro de 2005, em um gesto de coragem e luta por ideais ateou fogo em seu próprio corpo ao final de uma manifestação contra as usinas de álcool no Pantanal, no centro da cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Disponível em <http://www.riosvivos.org.br/Noticia/Falece+Iracema+Sampaio+esposa+do+ambientalista+Francisco+Anselmo+de+Barros+/17426>, acessado em 13/05/2021.

4 Disponível em http://www.interiordabahia.com.br/p_historia/16605.html. Acesso em 13 maio 2021.

Iracema publicou duas obras tecendo suas vivências em Riachão do Jacuípe: a primeira, *Andança*, em 1996 (foto 01) e a segunda, *Rua da Quixabeira*, em 2000, onde oferece a(o) leitor(a) um punhado de causos sobre o lugar. Esses e outros livros foram apresentados ao público jacuipeense numa noite solene. Também me lembro de que anúncios no rádio e no alto falante convidavam a população para o lançamento a ocorrer na noite de 11 de abril de 2006. O Banco do Brasil foi um dos principais patrocinadores do evento. O clube Lira 8 de Setembro, localizado no centro da urbe, foi especialmente decorado⁵: uma mesa reservada para as autoridades da cidade; gamelas enormes enfeitadas com tecido dourado e de outras cores brilhantes cheias de guloseimas feitas à base de tapioca deram um tom ímpar àquela noite construída para chamar os tabaréus daquele sertão a apreciarem a invenção da filha de Seu Bino.

258



Em *Andança*, obra um tanto “autobiográfica”, Iracema Sampaio, num traçado peculiar, se constrói como mulher baiana que desafiou limites e venceu preconceitos. Afirma que se serve das lembranças de sua infância e juventude para tecer a escritura. Assegura que busca na sua ancestralidade forças para enfrentar dificuldades do presente (tempo da escrita). No que denomina de “apenas o registro de uma vida” (SAMPAIO, 1996. p.9) ela fala de si recorrendo a modelos de mulheres da sua família: “Bem, creio que puxei à minha bisavó”. E então começa a desenrolar o novelo narrativo do percurso pessoal e familiar, ora com o foco direcionado nos casamentos, ora explorando a capacidade de “quebrar valores” caros às suas ancestrais. O objetivo deste artigo é perscrutar como personagens classificadas como ‘escravas e negros’ são construídos no livro. Trata-se de uma análise qualitativa, em que promovo um diálogo de trechos do livro com documentos eclesiásticos e cartoriais da Vila de Nossa Senhora da Conceição do Riachão do Jacuípe oitocentista, notícias de jornais, matérias televisivas contemporâneas, textos de memorialista, narrativas orais.

5 Disponível em <http://www.riachao.com/article504.html>. Acesso em 05 de maio de 2021.

Bisavó proprietária de escravas

Inicia contando uma crise financeira vivida aos 52 anos de idade, quando morava em Campo Grande - MS. O texto é uma sequência diferente do que se costuma denominar biografia, à medida que trata das dificuldades vividas na última década e meia de sua vida, narra lembranças e causos de familiares que viveram em Riachão do Jacuípe e seus arredores onde se movimentam personagens brancos, escravos, mulatos...

Estreia a “bisavó”: “Fiquei sabendo que meu tetravô, ou tataravô como se fala em Riachão, era homem de algumas posses, senhor de alguns escravos, morava em Serra Preta (Bahia) e tinha duas filhas bonitas e prendadas, porém sem estudo” (SAMPAIO, 1996. p 28). Ao costurar “tacos” de memórias, vai dando forma aos partícipes de seu tapete de retalhos. O fato de o proprietário ter duas filhas admiráveis estar acompanhada da expressão “porém sem estudo” é um aspecto que destaco agora e que retomarei mais adiante. De acordo com os documentos (inventários e livros de notas), observa-se que era expressivo o número de proprietários que sequer assinavam seus nomes nos oitocentos, na Vila de N. S. da Conceição (SILVA, 2013). O detalhe da narrativa de Iracema Sampaio serve, inclusive, para refletirmos a respeito do que se narra sobre alfabetização de homens e mulheres nesses sertões de antanho. Vale acrescentar que Boaventura (1988) o caracteriza como “sertões analfabetos”. Se grande parte dos brancos proprietários não deixaram narrativas escritas, sequer assinavam documentos.

Atentei para as diversas vezes que personagens escravo/escravos, negros aparecem nos capítulos da *Andança*, de Iracema Sampaio, nas ruas e roças do Riachão. No trecho acima transcrito, a edificação do personagem “escravo” enquanto propriedade é análoga às matrículas de escravos presentes nas narrativas de inventários escritas entre 1871 e 1885. (SILVA, 2013) Conta-se que o distrito de Serra Preta (onde o tataravô da autora morava) pertencia à Vila de Sant’Ana do Camisão (atual Ipirá)⁶ no século XIX. Atualmente



6 IBGE. Histórico de Ipirá. Disponível em <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/bahia/ipira.pdf>, acessado em 04 de maio de 2021.

Serra Preta é um município independente e limita-se com Riachão do Jacuípe ao sul.

Iracema Sampaio elabora a personagem bisavó com o seguinte arranjo:

Ela não saía de casa, a não ser para a Igreja e para visitar alguma família amiga. Para a Igreja ia muito enfeitada de rendas e fitas, ao lado da irmã, numa liteira conduzida por escravos. Foi prometida em casamento aos 15 anos para o tal filho do fazendeiro, homem de terras, gados e outras coisas mais (SAMPAIO, 1996. p.19).

Diferente do texto do memorialista Amarílio Soares (2010), autor de *Histórias de Riachão do Jacuípe*, o escrito de Sampaio é protagonizado por personagens femininas. O livro é produto da recorrência da autora às memórias das suas ancestrais. Conta ao leitor que sua coragem no enfrentamento das adversidades cotidianas fora herdada das mulheres de sua família. A descrição da bisavó como uma mulher recatada, vaidosa, e que era transportada por escravos numa “liteira” inspira-me a atentar para a narração da fortuna da família da escritora nos oitocentos. Na dissertação de Freire (2007), que versa sobre as fortunas nos campos do Jacuípe, ele argumenta:

Como dissemos, a riqueza demonstrada nesses inventários estava representada pela grande quantidade de animais, sendo mínima a exibição de opulência. Uma pequena exceção foi marcada entre os bens do capitão José Ribeiro onde, além de alguns móveis de jacarandá e um relógio de parede que mobiliavam o interior da sua residência, foi avaliada uma liteira, em cujo interior havia duas “salas”, ou seja, dois assentos. Esse meio de locomoção era muito comum em áreas urbanas setecentistas e oitocentistas, onde os escravos transportavam seus senhores – especialmente as senhoras e os doentes – de casa para as igrejas, ou outros locais, sem serem vistos, já que normalmente ela era coberta por couro ou tecido adamascado para dar privacidade a quem estivesse em seu interior. Essa



liteira era utilizada, provavelmente, pela esposa do capitão, dona Maria das Mercês da Silva Lima (FREIRE, 2007, pp. 132-133).

A liteira classificada por Freire, como um artigo de luxo, raramente visto na zona rural, só foi encontrada nesse inventário e no da viúva do coronel José Batista Carneiro, dona Ana Simplicia de Santa Catarina de Jesus Carneiro. Pois bem, o Capitão José Ribeiro Lima era o proprietário do maior número de escravos na Vila de N. S. da Conceição de Riachão do Jacuípe. No conjunto dos inventários analisados para os campos do Jacuípe, as duas liteiras compunham as narrativas de proprietários classificados entre média e grande fortuna. Sampaio constrói para a ancestralidade materna um passado de opulência. Outra insígnia de riqueza da família, sua bisavó levava, ao se casar, conforme havia sido prometido aos 15 anos de idade, dote composto de “uma fazenda, gado, escravos e sei lá quantos contos de réis” (SAMPAIO, 1996. p. 19). A narradora enfatiza que “ela, coitada, nem sabia o que estava fazendo. Dezesseis anos se preparando para ser mulher-escrava” (*Idem*, p. 20). Esse uso diferenciado para o vocábulo “escrava” sugere que, assim como os escravos aparecem na narrativa como propriedade de seus senhores, a moça prometida também seria uma propriedade do marido.

Pois bem, no prosseguir, ela conta que a bisavó Matilde, uma vez casada com José Rosendo, rumava para a construção da nova etapa da vida. Na montagem da narradora:

“Ao lado da casa rústica outra palhoça com paredes para os escravos. [...] Duas escravas que fizeram parte do dote de laiá e que participaram da sua vida até ali, ficaram caladas olhando-a com certa piedade e apenas dirigiram um olhar e um gesto carinhoso com a cabeça” (SAMPAIO, 1996, p. 22).

Assim, desenha o quadro peculiar da escravidão a que estava submetida a personagem Matilde. A casa nova “de palha”, por certo, contrastava com as fitas e rendas da vida de solteira; diferente do trecho anterior as “escravas” que acompanharam a sinhá assumem um protagonismo gestual na trama, através do olhar compassivo

tentando consolar a jovem mulher casada, naquilo que a autora denominou de “cativeiro” longe das prendas do ninho paterno.

Outro ramerrão se inaugurava. No dia seguinte, José Rosendo cedo se dirigiu com seus quatro escravos para amanhecer na roça (Cf. SAMPAIO, 1996. p. 22). Nesse ponto, visualizo outra semelhança com narrativas acadêmicas sobre a escravidão nos sertões baianos; tanto Boaventura (1989) para os campos do Jacuípe, quanto Neves (2000) para o alto sertão, tratam dos pequenos plantéis sertanejos, em que senhores e escravos trabalhavam juntos nas roças policultoras. José Rosendo aparece como proprietário de dois escravos que eram utilizados na lavoura, Matilde chega acompanhada de duas escravas, o que além de duplicar a força de trabalho a serviço da roça, permite a formação de famílias, o que poderia possibilitar o crescimento do plantel. Nos inventários arrolados na freguesia de N^a. S^a. da Conceição de Riachão do Jacuípe, encontram-se pequenos plantéis compostos por cativos de ambos os sexos. Nas propriedades maiores, aparecem famílias escravas compostas por pai, mãe e filho enredados pelos acentos do matrimônio e registros de batismo.

Boaventura, ao tecer o perfil das mulheres da casa-da-fazenda, fez uma rica descrição desde os vestidos do dia a dia, de algodão grosso de fabrico doméstico, até às mais finas joias. Mas adverte o leitor que muito do luxo das sinhazinhas e sinhas era custeado pelas mesmas. Elas gostavam de ter suas malhadas de fumo e era motivo de “prazer para algumas contarem sua produção, alheia até ao comando do patriarca, dirigida por elas mesmas” (BOAVENTURA, 1989. p.55). A historiografia tem fornecido interessantes narrativas a esse respeito, inclusive para os sertões do São Francisco (FERREIRA, 2007). Encontrei apenas dois testamentos, no conjunto da documentação do Cartório Civil do fórum de Riachão do Jacuípe, protagonizados por mulheres: D. Clementina Maria de Brito e D. Ana Francisca de Oliveira Rios.

Clementina Maria de Brito que “nunca quis se casar” deixa para seus 6 afilhados, um crucifixo de ouro, 100 braças de terras e uma casa na Fazenda Santa Rosa, entre outros bens, escravas: Lucrécia de 30 anos de idade, havida por herança, mãe de 2 filhas- Fellipa (6 anos de idade) e Eugênia (2 anos de idade) - avaliadas em 500\$000



(quinhentos mil réis); Victória de 12 annos avaliada em 300\$000 (trezentos mil réis) e Idoviges de 40 anos de idade avaliada em 125\$000 (cento e vinte e cinco mil réis)⁷. Este testamento chamou a minha atenção quando relatado que ela “nunca quis se casar”, o que soa como uma escolha interessante para a uma mulher que viveu nos oitocentos. A protagonista, devota de Santa Bárbara, lega, nos autos, a encomenda de 10 missas em intenção de sua alma. O testador Antônio Ezequiel de Brito parece ter algum tipo de parentesco com Clementina Maria de Brito, pois ambos usam o mesmo sobrenome.

Dona Ana Francisca de Oliveira Rios, que se declara viúva de Antônio Martins Rios, inicia seu testamento, como era de praxe na época: “Primeiramente encomendo minha alma a Nosso Senhor Jesus Christo, tendo-a remédio com seu sangue perdoando os meus pecados”. Declara-se natural da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Riachão do Jacuípe, mãe de 4 filhos vivos, e filha de Manoel de Martins Rios e Bernarda Maria da Purificação, ainda vivos. Agradece a Antonio Justino Carneiro a “amizade e aceitação que fez o inventário e dei-lhes partilhas conservando em meu poder⁸”. A escrita custava caro.

Enquanto uma das personagens citadas logo acima “nunca quis se casar”, outra uma solteira, e outra, viúva, a proprietária de escravos Matilde, bisavó de Iracema Sampaio, é enredada numa trama bem diferente, enriquecida pelos fios da memória familiar tecidos pela autora no século 20. De início, descrita como “escrava”, Matilde protagoniza uma história de “amor e liberdade”, depois de ter parido quatro filhos pelas mãos de “Quinha de Mariquinha de Maria”, uma das escravas que compôs seu dote. Além dos serviços de roça, essa personagem também desempenhou o papel de parteira na narrativa. Ao que parece, ela acompanhava a família de Matilde havia algum tempo, não só ela como suas ancestrais, haja vista a possível sucessão familiar expressa através do nome - Quinha de

7 Arquivo do Fórum Des. Abelard Rodrigues, Cartório da Vara Cível, Cx 05. Testamento de Clementina Maria de Brito, 1872.

8 Arquivo do Fórum Des. Abelard Rodrigues, Cartório da Vara Cível, Cx 04. Testamento de D. Anna Francisca de Oliveira Rios, 1864.

Mariquinha de Maria, a única “escrava” do pequeno plantel familiar nomeada, ou melhor, apelidada.

A aparição do jovem viajante na narrativa quebra a monotonia do quadro “Matilde em seu canto, espécie de clausura há cinco anos, não podia ficar indiferente àquele jovem bonito, elegante e educado” (SAMPAIO, 1996. p.25). Na teia, a narradora sublinha o longo tempo que a bisavó esteve distante de seus familiares. Estritamente dedicada aos cuidados da casa e dos filhos pequenos, vivia longe de vizinhos e arruados, no convívio com o marido José Rosendo que:

Saía cedo para a roça, uma escrava levava comida ao trabalho, descansava bem baixo de uma árvore, chegava no fim da tarde lavava o rosto e os pés, jantava, fumava um cigarro de palha na varanda, deitava, cumpria sua obrigação de marido, dormia. Guardava dinheiro, não deixava faltar nada em casa. Não tomava banho. (p.23-24)

264



José Rosendo, proprietário de poucos cativos, que trabalhava na roça junto com eles, aparece como homem afeito à lida, ao hábito de juntar dinheiro e avesso ao asseio pessoal. Desde a primeira semana de casada, ela desistiu de pôr roupa limpa para ele trocar, “banho só quando dava na veneta”. A relação do casal aparece, na escrita de Iracema Sampaio, tecida na última década do século 20, como “cumprimento de obrigação”. No entanto, a narradora adverte que, apesar desses modos, José Rosendo nunca havia deixado de atender aos caprichos de laiá, comprava tudo o que ela lhe solicitava. Mas a partir da visita do jovem Gerônimo, “ela sem saber se enfeitava. [...] tomou gosto pela vida. Seu marido não notava” (Idem. p.23).

No segundo encontro da personagem com o jovem comerciante de gado em meio a perguntas e respostas dadas “sem perceber”, um novo roteiro de vida fora planejado: “Dentro de uma semana e dez dias venho com a tropa vazia trago cavalos com arreios pra montaria para a senhora seus filhos e as escravas também”. (Ibidem, 1996. p. 25) Matilde assume a rédea de seu destino na narrativa, arruma tudo em silêncio e em menos de uma hora após a chegada de Gerônimo, as escravas já estavam montadas, as crianças acomodadas em caçuás e juntamente com o casal partiam rumo a uma vida nova.

“Após uma legítima noite de núpcias” na nova casa, no dia seguinte, foi com ele ver as instalações da fazenda, a casa dos escravos, a casa de farinha etc. Tais indícios apontam que, além das qualidades acima elencadas, o personagem Gerônimo possuía melhores condições financeiras que João Rosendo. Além de a propriedade dispor de uma casa para os escravos, contava com escravos exercendo funções diversas, além de capangas (trabalhadores livres) responsáveis por manter discretamente a segurança de Matilde, com receio que o ex-marido aparecesse. Iaiá e Ronron (apelidos de Matilde e Gerônimo) figuram na escritura como um casal feliz, apesar de ela ser renegada pela família. O desfecho dessa fábula se dá com uma típica mensagem de moral da história em que a personagem principal adverte as mulheres da família: “Nunca deixe que escolham marido pra você” (SAMPAIO, 1996. p. 26).

Três capítulos depois, Iracema Sampaio dá continuidade à trajetória familiar e apresenta sua Vovó, penúltima filha de Iaiá e Ronron: “branca, olhos claros e cabelo de seda” apaixonada por José Tibúrcio mulato, dois anos mais novo que ela. É a primeira vez que referências à cor de pele aparecem no texto. Até então, a designação “escravo/escrava” era suficiente para demarcar as diferentes hierarquias sociais na narrativa de Sampaio. S. Schwartz (1998, p. 209) aponta outros elementos da sofisticada engrenagem; a hierarquia numa sociedade escravista não se determina apenas pela presença da mão de obra escrava, mas principalmente devido às distinções jurídicas entre escravos e livres, na relação entre escravidão e raça, nas atitudes senhoriais e na deferência dos socialmente inferiores.

Destarte, aproveitou a caracterização de Vovó e de José Tibúrcio para trazer outras narrativas para o diálogo das cores da gente desse sertão. Eurico A. Boaventura (1989), ao compor seu tratado explicativo dos campos do Jacuípe, como sertão mameluco, onde floresceu a civilização do pastoreio, exalta a pureza de sangue branco encontrada nos recônditos lugares desses sertões:

O branco luso, em época anterior, havia marcado vigorosamente sua entrada no sertão. Exameiam por toda parte belos perfis de mulheres brancas e se en-



contram constantemente trabalhadores de pele alva e até aloirados. Conheci no Nordeste famílias inteiras, cujos os componentes, mesmo os homens, traziam na face um róseo finíssimo, a par de traços limpos e nobres. E os narizes finos, os cabelos que voam soltos, povoam os recantos mais longínquos do Estado (BOA-VENTURA, 1989. p. 74).

Boaventura nos conta com orgulho, já no século 20, sobre a existência de pessoas com característica da cor branca apurada, espalhadas no sertão de antanho, em contraposição à exígua presença de negros africanos (puros) naquela redondeza. Ele argumenta que esses eram cabras, crioulos, mulatos e pardos, ou seja, nascidos no Brasil. A questão da cor se torna relevante na narrativa de Sampaio, quando um negro almeja romper barreiras sociais, entrar na família de proprietários “brancos”, sobressaída na sociedade local. Ao descrever características físicas dos personagens Vovó e José Tibúrcio, a autora também coloca no centro da trama a relação entre cor e condição socioeconômica.

266



Vovó e Pai Zé...

No enredo da trajetória familiar, Iracema Sampaio não apresenta datas, nem cita marcos da história oficial. A sequência temporal é determinada pelas gerações de sua família. Não com a mesma riqueza de detalhes que tratou da ascendência familiar materna, contando os desafios enfrentados pela bisavó Matilde, a autora também aborda a ascendência do avô José Tibúrcio: “mulato, filho de Apolinário, e que ele havia perdido a mãe quando ainda era pequeno” (SAMPAIO, 1989. p. 47). Tanto era comum morrer de parto quanto de doenças como tuberculose e peste na época. É possível depreender da narrativa que os avós de Iracema Sampaio tenham vivido o alvorecer do século 20. Nesse período, de acordo com Benevides (2003, p. 57), “várias cidades próximas de Feira de Santana foram tomadas por surtos de peste bubônica”, inclusive Riachão do Jacuípe, os horrores da peste deram origem à devoção a São Roque, que é festejado até a os dias de hoje como segundo padroeiro da cidade.

Vale salientar que a parte profana das celebrações é protagonizada por homens e mulheres negros, que, em geral, são prostitutas, garis, carroceiros, magarefes. Omolu e Obaluaê, orixás relacionados à cura, são reverenciados na lavagem de São Roque.

Não tendo mãe, o personagem José Tibúrcio fora criado pela avó, laiá Azevedo, crioula e pobre, de quem a narradora diz “eu ainda cheguei a conhecer”. A ascendência familiar de um dos personagens de maior destaque na narrativa de Sampaio resume-se à citação do nome do pai e da avó que o criou. A expressão “cheguei a conhecer” pode denotar certo distanciamento entre a autora e a bisavó crioula e pobre, que também pode ser interpretado como “alcancei”... relativo ao fato de ser uma pessoa idosa. A pobreza da família do “crioulo” contrasta com o passado opulento criado para falar da avó branca. Não me refiro apenas à pobreza material; vejo um processo de silenciamento quanto aos ancestrais de José Tibúrcio. Talvez não fosse tanto interessante evidenciar um antepassado, ou antepassada escrava, quanto foi importante deixar registrado que seu bisavô era proprietário de escravos, e que a bisavó era transportada por escravos numa liteira nas idas à Igreja.

Mais adiante no texto, José Tibúrcio é apresentado aos leitores como um “moço decidido, crioulo de palavra e vergonha”. Tais designativos intencionam demonstrar as qualidades morais do jovem rapaz como alternativa à avaliação negativa de sua cor. Na citação anterior, mulato, nesta, crioulo. O “crioulo de vergonha”, dois anos mais novo, queria casar com Hermira:

[...] vovó aceitou, então foi pedi-la em casamento. laiá que pregava a ideia de cada um deveria escolher o cônjuge, dessa vez discordou. Casar com um negro não, aí era demais. Suas outras filhas haviam casado com moços brancos, filhos de gente de bem. (SAM-PAIO, 1996. p. 53)

No enredo, a querela instaurada na família devido à disposição de Hermira em se casar com um homem classificado como crioulo, mulato, negro culminou com a contradição da bisavó Matilde que outrora afirmava “não deixe que ninguém escolha com quem vai se



casar”. A relação direta estabelecida entre *moços brancos* e *gente de bem* demonstra a cor como sendo um dos mais relevantes critérios morais de seleção social, quando se tratava da formação de núcleos familiares. Na narrativa, praticamente, foi instaurada uma oposição entre os brancos de traços finos e o negro, o que tornou a união inaceitável pela família da moça. A relação entre cor e pobreza também foi observada por Silva (2013) na análise da aparição de Miguelzinho no livro *Histórias de Riachão do Jacuípe*, do memorialista Amarílio Soares (2010). No entanto, Miguelzinho participava do texto da cidade ocupando o lugar de doente mental, inteiramente dependente das “famílias de bem”, um excluído. Para a autora, a figura de Miguelzinho assume na narrativa o protótipo de egresso da escravidão.

268



Já no livro *Andança*, a autora, inicialmente, está narrando seu avô como um crioulo que em breve passaria a fazer parte da família “branca”. O personagem passa por um processo próximo do que Antônio Cândido observa na literatura brasileira: “os protagonistas de romances e de muitos poemas, quando escravos, são originariamente mulatos, a fim de que o autor possa dar-lhes traços brancos, e, deste modo, encaixá-los nos padrões da *sensibilidade branca*” (CÂNDIDO, 1964 *apud* PROENÇA FILHO, 2004, p. 47).

A problemática da cor é ultrapassada no enredo. Não cita detalhes do casamento dos dois, nem dos possíveis conflitos vividos no seio familiar. Passado o entrevero inicial, a narradora edifica o personagem: “Ele era ferreiro e nas horas de folga dedicava-se à música, pois havia estudado com alguém que o ensinou a ser maestro. Não tinha cabedal, portanto, que o fizesse merecer a mão de minha avó, casou-se contra tudo e todos” (SAMPAIO, 1996. p. 53). Assim como a bisavó, a avó também contravém à família e às convenções sociais.

A referência à música jacuipense irrompe nesse momento da tessitura de forma triunfal, parece ser um recurso utilizado pela narradora para desviar a atenção do leitor da querela da cor. E ela consegue. Iracema fala com orgulho da Filarmônica Lira 8 de Setembro, destacando a performance de seu avô no comando:

Lembro de Pai Zé, eu, pequena apaixonada por ele e ele por mim, pondo ferro na brasa atizada pelo fole e trabalhando o ferro em brasa de bigorna. Nas horas de folga regendo a orquestra filarmônica lá no meu Riachão. [...] As autoridades, juiz, padre, delegado, prefeito, cidadãos de paletó e gravata, desfilavam à frente da Lira. Meu avô, baixinho franzino, com a batuta em punho, conduzia seus discípulos. (SAMPAIO, 1996. p.54)

No texto, através da música, “Pai Zé” aparece como homem respeitado e reconhecido pelas autoridades da cidade. Outros textos, que circulam sobre os sertões do Jacuípe, tratam da presença marcante de “escravos” e “negros” ligados à música. Freire (2007) narra o trabalho de uma banda de escravos pertencente a uma senhora de Feira de Santana, no século 19. Benevides (2006) aborda a formação dos grupos de Barbeiros do Pé de Serra que vinham animar as lavagens de São Roque, na primeira metade do século 20 – composta de “músicos negros”. No comando da Filarmônica Lira 8 de Setembro, o personagem José Tibúrcio, não mais classificado pela cor, embora baixinho e franzino, revertia momentaneamente o papel subalterno que lhe fora designado naquele tecido sociocultural. Apesar de submetido a mecanismos de exclusão, forjou alternativas de inserção social, manejando saberes-poderes valiosos naquele contexto. José Tibúrcio figura no texto como trabalhador honesto, no ofício de ferreiro, que se casou com uma mulher branca, de “boa família”; atinge o auge, nesse capítulo, através da música na regência da Filarmônica da cidade. As autoridades locais ocupam papéis de coadjuvantes na trama cujo protagonista é o maestro.

Conforme havia prometido no título do capítulo, era chegado o momento de contar o *Primeiro parto de Vovó*. Mais uma vez, o foco do enredo é deslocado para uma personagem feminina - a parteira Mãe Kalú: “uma escrava velha e experiente, mas não de conhecimento obstétrico, só crendices” (SAMPAIO, 1996. p. 54). Penso que a denominação “escrava velha” seja mais um produto do costume do que condizente com a posição social da personagem no período. Pode-se nominá-la dessa forma por ela ter sido escrava ou liberta.



A personagem “Mãe Kalú” me lembra as narrativas que tratam do respeito e consideração que se costumava ter por aquelas mulheres, cuja profissão era trazer crianças ao mundo.

Mãe Kalú assume o comando da cena com um aviso: “Tá difícil “seo Zé Tibúrcio” mas vamos dar um jeito. Providencie uma medida de uma quarta que o moleque sai” (SAMPAIO, 1996. p 55). O tempo passava e o moleque teimava em permanecer no ventre de Hermira, testando a sabedoria da velha preta que, mais uma vez, solicitava do pai da criança: “me arranje outro homem que possa entrar no quarto com o senhor” e Zé Tibúrcio logo providenciava o pedido. Depois de três dias e de tantas tentativas a parteira deu o ultimato:

- Olhe, minha filha só tem mais um recurso. Se não der certo, só Deus, porque eu não sei mais o que fazer. “Seu” Zé traga um copo de cachaça com uma culé de pimenta do reino bem moida. Sinhá Azevedo providencie uma telha cheia de brasa, casca de alho, folha de arruda e fumo de corda. Ela acocada em cima das brasas. Quando mãe Kalu a fez tomar um copo de cachaça com pimenta-do-reino. Alguma coisa aconteceu talvez o calor tenha ajudado a dilatação, só sei que o menino nasceu. Nasceu morto. (SAMPAIO, 1996. p. 56)



Mais uma vez o nome da avó que criou José Tibúrcio aparece na trama; mãe Kalú solicita de Sinhá Azevedo instrumentos para a última tentativa. Depois de tomar a mistura de cachaça com pimenta-do-reino, Hermira (a vovó agora nomeada) adquire a força necessária e consegue parir o menino. O caso é contado de forma a fazer pensar que a experiência e conhecimento, “crendice” da escrava velha, foram essenciais para salvar a vida da avó da narradora. Crendice versus conhecimento obstétrico, conforme fora citado acima, está associado a práticas e conhecimentos de “pouco” prestígio social que podem ou não estar ligados a cultos religiosos não cristãos, por isso diferente dos rituais lastreados nos conhecimentos acadêmicos. Franco (2010; p. 7), em *Vivências religiosas e Práticas de Cura de Mulheres Parteiras* analisa, nas trajetórias de vida de mulheres que vivem nos municípios de Salvador e Lauro de Freitas, a relação existente entre as formas religiosas de matriz

africana e as práticas de cura por elas utilizadas no momento do parto. Ela argumenta:

Eram caboclas, portuguesas e negras velhas. Eram analfabetas, pertenciam a “última classe da sociedade”, muitas delas ex-meretrizes, que não duvidavam em prestar certos favores: “levavam debaixo da mantilha, capote ou baeta, cartas, presentes, filtros, feitiçarias de simpatia ou repulsão, de ventura ou desgraça”. Provocavam abortos, cometiam infanticídios e abandonavam nas ruas e nas estradas recém-nascidos. (SOUZA, 1998, 30 *apud* FRANCO, 2010, 17)

Perseguidas pela inquisição, associadas a magias, feitiçarias, práticas demoníacas as parteiras, de acordo com a argumentação de Franco (2010; 26), também foram perseguidas pela preleção médica: “Supersticiosas, charlatões e ignorantes, são alguns dos adjetivos que o discurso médico construiu ao longo da história da medicina no Brasil”. É comum nas narrativas de memórias jacuienses se referirem à importância que as parteiras desempenhavam na comunidade. Conta-se que umas das mais famosas da cidade, D. Julieta, era a única negra que tinha assento reservado na Matriz de N. S. da Conceição nos tempos idos (SILVA, 2010, p. 26). De acordo com Edney Cana Brasil, a neta, a sua avó anotava num caderno a data e o nome das crianças que ajudava a trazer ao mundo.

Assim como as parteiras narradas por Franco (2010) a experiência e sabedoria de Mãe Kalú não se restringiam à condução do trabalho de parto. Iracema Sampaio ainda nos conta que, ao perguntar a avó por que ela só teve seis filhos, mais uma vez lembranças dos saberes da “escrava velha” são evocadas: “ela me ensinou que, com sal torrado, a mulher só tem os filhos que quer” (SAMPAIO, 1996, p. 26). Então a narradora conta os detalhes da prática contraceptiva utilizada pela avó, receita da sábia senhora: “A gente pega o sal grosso, mói até virar pozinho e aí põe no fogo, dentro de uma frigideira limpa, e mexe até ficar quase marrom. Guarda dentro de um frasco limpo e seco, de boca larga e tampa bem. Depois da camara-dagem, a gente usa “lá” (SAMPAIO, 1996, p.57).

No capítulo seguinte, intitulado “Avô bom era Pai Zé”, a autora narra a ascensão social do casal que a criou. Daí vem o designativo “pai”, pois ela era a primogênita de Verônica - filha mais velha do casal (Hermira e Zé Tibúrcio), que se acostumou desde cedo a ficar com os avós em Riachão do Jacuípe. Conta a trajetória de mais um casamento bem-sucedido na família e destaca o amor e lealdade cultivados pelos avós maternos: “Ele para fazê-la feliz, ao casar no civil, declarou idade maior do que a real pra não ficar mais novo que ela. Embora os negros envelheçam mais tarde, vovó sempre pareceu mais nova do que ele, vaidosa que era, cuidava-se muito e nunca deixou aparecer de todo o branco de seus cabelos” (SAMPAIO, 1996, p. 64). Em entrevista com o Sr. José Martins⁹ sobre o casal, ele disse que “Hermira era uma dona alva, vistosa”, que ela morava na Rua da Quixabeira, próxima da casa de professor Altino, D. Zizi Pereira, D. Angelina e de Alexandre Cana Brasil.

272



As memórias da relação do casal, na infância e juventude da escritora, é a matéria prima usada na contextura do capítulo, que delineia o prélio e as conquistas dos avós. Conta que, quando ainda era pequena, pai Zé ganhou um cartório; que sua avó já não vendia doces e bolos como no início da vida dos dois, eles já tinham uma loja de tecidos cujo nome era “A Boneca”, em homenagem a Iracema. Ela não revela de quem o avô “ganhou” o cartório. De ferreiro e músico aos 25 anos de idade, depois maestro da Filarmônica, pelas minhas estimativas, Zé Tibúrcio figura no texto como comerciante e dono de cartório, por volta dos 40 a 45 anos de idade. A cor do personagem já não é mais citada no texto. Ao que parece, a narradora lança mão da noção de “branqueamento” como estratégia de mobilidade social. Figueiredo (2002) relata que assimilar os valores da elite branca foi imprescindível para o negro brasileiro conseguir melhoria em sua posição socioeconômica.

Até a Constituição de 1988, era tradição os cartórios serem cedidos a famílias influentes de cada município brasileiro. No exercício dessa função, Zé Tibúrcio ocupa-se da escrita e armazenamento

9 Entrevista com José Martins de Oliveira, lavrador aposentado, 90 anos de idade, na Fazenda Lagoa do Curral – Município de Nova Fátima em 27 de maio de 2012.

de documentos. Trata-se de uma colocação de importância na sociedade jacuiense, um lugar de saber-poder “branco”. Nessa posição, o personagem Zé Tibúrcio já não pode ser classificado como subalterno. Protagoniza narrativas do tipo:

Quando finada Didi casou, eu fui com minha mãe para o Riachão para comprar os apreparo. Olhou tudo, comprou na loja de tecido de José Tibúrcio. Escute bem: comprou mais não pagou. Deixou lá e voltamo pra casa pra fazer o dinheiro. No dia eu fiz o pagamento e ele me deu um feixo de dinheiro. Quando eu fui recorrer o dinheiro... minha mãe disse você vai tornar levar esse dinheiro a ele. Cheguei lá ele disse: O que é que aí? Eu lhe dei o dinheiro. Ele disse: Eu que fiz isso meu filho? Pegou o dinheiro e contou. Disse: Quem nasce para ser gente vai morrer gente. Aí me perguntou: Você tem registro? Eu disse não. Ele disse: - Pois então eu vou fazer o seu registro. Me deu 2 mil réis e disse: Você vai na prefeitura e dá o visto¹⁰.

Em entrevista com o Sr. José M. de Oliveira lhe perguntei se ele ouviu falar de Zé Tibúrcio, ele imediatamente me contou o caso acima transcrito, mas antes fez questão de confirmar: “Funcionário do registro? Foi ele que me registrou!”¹¹. Confesso que fiquei surpresa com a narrativa do registro civil. Zé Tibúrcio, dono de loja e de cartório, em vez do troco, deu para o *meu vô Zé* “um mói de dinheiro”. Em reconhecimento à atitude de meu avô, ele providenciou o seu registro quando já contava com 18 anos de idade.

Quando inquiri o entrevistado sobre a cor de Zé Tibúrcio, ele respondeu: “Hermira era muito alva, ele era mais escuro. Prof. Altino era mais escuro que ele. O povo era mais moreno mesmo, os branco que tinha era pouco... era Pedro Paulo, casado com a filha de Orélio”. Já Mestre Cosme, vendedor de coalhada, figura como escuro, preto. Criolo, moreno, escuro, pardo, preto, negro é parte do inventário de cores apresentado n’algumas narrativas orais e silen-

10 Entrevista com José M. de Oliveira, 2012. op. cit.

11 Idem

ciado em grande parte das escritas, sobre a população *não branca* de Riachão do Jacuípe, em meados do século 20.

A avó Hermira, de Iracema Sampaio, como tantas outras mulheres do Riachão de outrora, criava porcos na beira do rio Jacuípe (SILVA, 2010. p. 24). Segundo a autora, tinha dia de matança que chegaram a abater 40 animais. Numa dessas oportunidades, Iracema ganhou um relógio de ouro. Esses e outros tantos mimos marcaram a convivência da autora com os avós maternos. Ela prossegue na apresentação das conquistas da família:

Nós não éramos ricos, nem meu avô possuía qualquer patente da Guarda Nacional, mas tínhamos todo o conforto que os coronéis da época usufruíam, ou mais. A cidade não tinha luz elétrica, mas nós tínhamos gerada por um catavento instalado no quintal para esse fim e para carregar os acumuladores para o nosso rádio. Tivemos o primeiro toca-disco elétrico e automático da cidade e em nossa discoteca não faltavam os últimos sucessos de Dalva de Oliveira, Vicente Celestino, Trio Iraquitã, Cauby, Silvio Caldas, Luiz Gonzaga [...] Na biblioteca da Prefeitura, meu tio retirava livro pra ler e eu pegava carona. O Cruzeiro e Manchete éramos fregueses certos. (SAMPAIO, 1996, p. 60)

Nesse mote da trajetória familiar, a autora compara/confronta o personagem de seu avô, que anteriormente fora caracterizado como negro rejeitado pela família branca da futura esposa, com os coronéis locais (cujos nomes e sobrenomes sequer são inscritos na narrativa). Lança a provocação e adentra no campo do enfrentamento com os demais construtores de memórias do lugar. Posiciona sua família na dianteira do processo de modernização de Riachão do Jacuípe. Acentua a passagem do rural para o urbano, e como as mudanças socioeconômicas incidiam nos lugares de poder: “As pessoas de mais posses não usavam bancos na igreja, pois tinham seus genuflexórios. Eram três os nossos” (SAMPAIO, 1996. p. 61). Integrantes da família Sampaio ouviam rádio, liam livros e revistas, compravam na praça de Feira de Santana tecidos importados para uso familiar e para vender na loja deles que, na época, já tinha uma filial.



É saliente o impulso pela tessitura de outra trajetória, diversa da dos proprietários de terras. Sampaio alinhava o texto de modo a construir centralidade para os personagens comerciantes, como Pai Zé, a avó, o bizavô e os tios. Conta ainda que, quando seu avô foi atingido pela febre tifoide, ela passou a auxiliar no cartório e na loja. Recobrada a saúde, ele comprou cinco bicicletas e abriu a Agência Iracema de aluguel de bicicletas. Relata com detalhes esse aprendizado e afirma: “Só depois foi que descobri que toda vida fui vendedora” (SAMPAIO, 1996. p. 64). O foco da narrativa é a própria escritora, seus personagens são manuseados e constituídos por palavras no afã de seduzir o leitor à versão que tece de si.

Considerações finais

No curso de sua *Andança*, Iracema Sampaio modela escravos, escravos, a escrava parteira de propriedade de Sinhá Matilde, similares aos cativos do domínio dos Mascarenhas (SOARES, 2011) e até tece uma crendice e algumas sabedorias para mãe Kalú. Apresenta crioulos pobres da sua parentela: Sinhá Azevedo e José Tibúrcio. A distância em relação a primeira não se compara à admiração devotada ao segundo, a “Pai Zê”. Sinhá Azevedo entra pobre e rapidamente desaparece na trama, sequer recebe o título de bisavó. As avós brancas, abastadas, transgressoras, são exemplos para Iracema Sampaio – assim como elas, a narradora ousou romper regras, desobedecer a costumes. O protagonista José Tibúrcio é enredado num movimento de ascensão cuja memória igualmente serve de bálsamo fortalecedor à empresária, comerciante. Para tanto, a narradora foi colocando “máscaras brancas” na “pele negra”¹² de “Pai Zê”.

Referências

BENEVIDES, Lourdisnete. *A Louvação das Prostitutas de Riachão do Jacuípe ao Glorioso São Roque*. Salvador: EGBA, 2006.

BOAVENTURA, Eurico A. *Fidalgos e Vaqueiros*. Salvador: Edufba, 1987.

FERREIRA, Elisangela O. *Entre vazantes, caatingas e serras: trajetórias*

12 Ver Fanon (2008).

familiares e uso social do espaço no sertão do São Francisco, no século XIX. Salvador: Tese de Doutorado UFBA, 2007.

FANON, Franz. *Peles negras, máscaras brancas*. Salvador: EDUF BA, 2008.

FIGUEIREDO, Angela. *Novas Elites de Cor: Estudo sobre os Profissionais Liberais Negros de Salvador*. São Paulo Annablume, 2002.

FRANCO, Silene A. *AUÔ: Segredo de mulheres parteiras: Trajetórias históricas, vivências religiosas e práticas de curar de mulheres parteiras – Salvador e Lauro de Freitas*. Santo Antônio de Jesus-BA: Dissertação de Mestrado, 2010.

FREIRE, Luiz Cleber M. *Nem tanto ao mar, nem tanto à terra: agropecuária, escravidão e riqueza em Feira de Santana (1850-1888)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

NEVES, Erivaldo F. *Sampauleiros e traficantes: comércio de escravos do sertão da Bahia para o Oeste Cafeeiro Paulista*. Afro-Asia. Salvador, n.24, p. 97-128, 2000.

PROENÇA FILHO, Domicio. “A trajetória do negro na literatura brasileira.” *Estudos avançados 50, dossiê “O negro no Brasil”*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados, 2004. Disponível em http://www.uel.br/pos/letras/terraroja/g_pdf/vol17B/TRvol17Ba.pdf, acesso set. 2012.

SAMPAIO, Iracema. *Andança*. Campo Grande: Executivo Publicações, 1996.

_____, *Rua da Quixabeira: Uma dúzia de casos*: Campo Grande: Editora Saber, 2006.

SCHWARTZ, Stuart B. *Segredos Internos: Engenhos e escravos na sociedade colonial*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

SILVA, Marinélia S. *Memórias em Conflito ou “Padre não deve se meter em política”*. São Paulo: Ed. Nelpa, 2010.

_____. Escravos numa história escrita em cordel. In. CLOUX, R. e MELO, I. F. C. (orgs.) *Sete esquinas: Panoramas sócio-culturais nas Ciências Humanas*. Salvador: Kawo-Kabiyesile, 2013.

SOARES, Amarílio. *Histórias de Riachão do Jacuípe*. Feira de Santana, s/i. 2010.

